

Cadernos de estágio

# O peso de ensinar, a leveza de aprender: uma experiência com jovens do ensino médio

Talita Lima <sup>1</sup>

## Informações

1 talitalima2024.tl@gmail.com

## Como citar este texto

LIMA, Talita. O peso de ensinar, a leveza de aprender: uma experiência com jovens do ensino médio. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 2, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n2ID43807](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n2ID43807).



## Introdução do estágio

O Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio em Matemática foi iniciado no dia 04 de setembro de 2025, em uma quinta-feira, em uma Escola Pública Estadual. Sob a supervisão de professores orientadores, o estágio teve como objetivo principal proporcionar experiências práticas no ensino de Matemática para uma turma do 2º ano do Ensino Médio. A escola está localizada na área urbana de Natal, RN. Esta instituição de ensino oferece Ensino Fundamental nos anos finais e Ensino Médio, sempre de forma presencial e diurna. A escola atende as unidades mais próximas do bairro da escola e tem ônibus escolar para os alunos.

2

A escola possui uma excelente estrutura para atender os alunos. Conta com uma quadra esportiva coberta, que além de servir para as aulas de educação física, também é utilizada em diversos eventos, oferecendo lugares para os alunos se sentarem confortavelmente. A escola dispõe de uma moderna sala de informática, biblioteca bem equipada, cozinha, nove salas de aula, sala dos professores e sala da direção. Além disso, há banheiros separados para professores e alunos, um pátio acessível com rampas e batentes que garantem a mobilidade de todos, e uma cantina que oferece lanches variados. No geral, a escola oferece um ambiente acolhedor e bem estruturado para o desenvolvimento dos estudantes. No entanto,

ainda apresenta algumas limitações em sua infraestrutura, como a necessidade de manutenção em parte dos equipamentos de climatização e a ausência de cobertura em alguns espaços, o que pode comprometer o conforto térmico durante as atividades escolares.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico, encontrava-se em processo de atualização durante o período do estágio, motivo pelo qual não foi possível ter acesso à sua versão final. Não foi possível participar de nenhuma reunião pedagógica, conselho de classe ou encontro de professores. No entanto, durante as interações no intervalo, na sala dos professores, pude perceber que os docentes são bastante participativos e colaboram uns com os outros. Há uma troca constante de ideias e experiências sobre os desafios enfrentados com os alunos e possíveis soluções para lidar com essas situações.

O pessoal da cozinha e os porteiros mantêm uma boa interação com os professores, demonstrando uma comunicação eficaz entre si. De modo geral, todos os membros da comunidade escolar estão bem integrados e se comunicam de forma harmoniosa. A diretora se destaca por ser bastante comunicativa, sempre aberta a sugestões e prezando por decisões coletivas em relação aos assuntos da escola.

## Descobrimo o ser professora

Sempre fui muito empolgada com o

3

estágio, porque sempre gostei de ensinar. Planejar dinâmicas, pensar em estratégias e dar o meu melhor para que os alunos gostem de Matemática sempre foi o meu principal objetivo. Desejo tornar os conteúdos mais acessíveis, leves e compreensíveis. Ainda assim, este estágio representou um grande desafio para mim. Logo no início, ouvi de um amigo a seguinte pergunta: “Por que você não é professora de Pedagogia?” Ele disse isso porque percebeu o quanto eu me importo com os alunos – e, na visão de alguns professores de Matemática, “não se deve se envolver emocionalmente”. Discordo totalmente. Ser professor, independentemente da disciplina, é cuidar de pessoas, pois, já dizia Paulo Freire que não há docência sem discência. Motivada por esse princípio, fui com muito entusiasmo conhecer a turma com quem trabalharia. Iniciei com a docência assistida, observando uma turma do 2º ano do Ensino Médio. Fui bem recebida na escola e o professor supervisor sempre foi atencioso ao orientar sobre o objeto de conhecimento que eu ministraria. A turma é composta por 15 alunos, e, apesar de conversarem bastante e fazerem brincadeiras, não era uma turma barulhenta.

### **Pensamentos de desistir**

A minha primeira aula como professora daquela turma não foi boa. Eu me senti perdida: os alunos não paravam de brincar, e senti que não estavam me

levando a sério. Isso me deixou profundamente insegura. Passei a me questionar se realmente deveria ser professora de Matemática. As palavras do meu amigo ecoavam na minha mente: “Você acha que faz diferença se for embora? Ninguém vai se lembrar de você.” Aquilo mexeu comigo, porque era a única pessoa com quem eu compartilhava minhas dificuldades no estágio – mas nem sempre as pessoas sabem nos apoiar. Depois de três aulas sem muito sucesso, comecei a refletir sobre minha prática. Nunca culpei os alunos; percebia que eu estava vivendo um momento de incerteza sobre minha identidade docente. E foi nesse ponto que novamente me lembrei de Lorenzato: “O professor de matemática precisa saber matemática, mas também precisa saber ensinar matemática.” Ensinar Matemática não é se gabar de saber, mas saber comunicar, envolver e acolher. Com mudanças no planejamento e na forma de conduzir as aulas, percebi que os alunos passaram a participar mais. Isso me deixou extremamente feliz, porque pude perceber que eu não era uma professora ruim, eu apenas precisava encontrar meu caminho.

### **O que mudou?**

Percebi que quanto mais eu planejava, observava e analisava o comportamento da turma, mais identificava o que poderia ajustar para tornar as aulas significativas. Planejei uma aula de criptografia, em que os estudantes pre-

cisavam decifrar um código. Todos participaram ativamente, empenhados em descobrir quem resolveria primeiro. Foi muito divertido e motivador vê-los competindo de forma saudável e aprendendo ao mesmo tempo. Segundo Polya (2006), desafios e problemas favorecem o raciocínio e a autonomia dos estudantes. Levei também um jogo da memória com pares relacionados ao conteúdo de matrizes, e, mais tarde, um dominó de frações. O uso de jogos é essencial no processo de aprendizagem, pois, como afirma Borin (1999), eles permitem que os estudantes aprendam de maneira mais significativa e participativa. Essa afirmação se confirmou na prática: os alunos demonstravam maior envolvimento quando podiam manipular materiais, interagir e participar ativamente das atividades propostas. Nas aulas com dinâmicas, era visível o aumento da empolgação e do interesse da turma.

### **A primeira aula com dinâmica**

Iniciei a aula revisando multiplicação de matrizes para que os alunos recuperassem os conceitos necessários para decifrar o código. Deixei tudo organizado no quadro antes da entrada da turma, a fim de otimizar o tempo. Propus cinco desafios: soma de matrizes, subtração, matriz escalar, multiplicação simples e multiplicação mais complexa. No começo, alguns resistiram, dizendo que era muita coisa, mas ao falar que havia um prêmio, eles se animaram. Um aluno

terminou primeiro, enquanto os demais continuaram resolvendo para descobrir o código, e isso me deixou muito feliz. A aula foi bastante produtiva, e surgiram dúvidas importantes, especialmente sobre operações básicas com matrizes. Segundo Ponte et al. (2011), atividades investigativas e desafiadoras aumentam o engajamento e a compreensão. Não revelei previamente que haveria um bônus: ofereci chocolate ao vencedor e distribuí Bis aos participantes, como forma de incentivo e surpresa. Houve um estudante, conhecido por seu bom humor, que realizou os cálculos muito rapidamente, mas acabou invertendo a ordem na última multiplicação, o que levou ao erro. Ele ficou bastante chateado e, a princípio, não quis refazer a atividade, mas, ao final, decidiu recomeçar e concluir tudo novamente.

### **Dinâmica do jogo da memória**

Iniciei a aula perguntando como eles estavam e, em seguida, introduzi o conteúdo de matriz transposta, retomando rapidamente alguns exemplos simples para que todos tivessem uma base comum antes da atividade. A turma compreendeu bem o conceito, já que a transposição envolve essencialmente a troca dos elementos de linha por coluna, o que facilitou a visualização imediata. Após essa revisão, apresentei o jogo da memória que eu havia preparado, no qual cada carta continha uma matriz e seu par correspondente representava

5

a matriz transposta. Os alunos precisavam encontrar esses pares, o que exigia atenção, raciocínio rápido e comparação entre estruturas matriciais. À medida que o jogo avançava, percebi que eles se envolveram profundamente: comentavam entre si, criavam estratégias, torciam para acertar e comemoravam quando encontravam uma combinação correta. O clima da aula tornou-se leve e cooperativo, sem perder de vista o foco no conteúdo. Essa ludicidade contribuiu de forma significativa para consolidar a aprendizagem, pois permitiu que eles aplicassem o conceito de maneira prática e dinâmica. De acordo com Kishimoto (2002), os jogos didáticos estimulam o interesse, favorecem a participação ativa dos estudantes e colaboram para uma aprendizagem mais significativa – exatamente o que pude observar naquele momento. Particularmente, gostei muito de ver os alunos interagindo. Eles brincavam, ajudavam uns aos outros a identificar a transposta das matrizes e buscavam acumular pontos. Em determinado momento, uma dupla começou a jogar em conjunto, e eu os lembrei de que o jogo era individual. Um deles respondeu: “Mas se eu ajudar ele, a gente acaba mais rápido e conseguimos aprender melhor juntos”. Fiquei encantada com essa fala e permiti que continuassem assim, pois o objetivo maior não era ter um vencedor, mas promover a compreensão do conteúdo.

### Dinâmica do dominó

Iniciei a aula realizando uma revisão geral dos tipos de matrizes: nula, diagonal, quadrada, linha, coluna, identidade, entre outras, para que os estudantes pudessem relembrar conceitos essenciais antes de avançarmos no conteúdo. Em vez de apenas expor as definições, conduzir a revisão de forma dialogada: perguntei “De quais matrizes vocês lembram?” e, à medida que eles citavam um tipo, eu solicitava que explicassem o conceito. Quando mencionaram “matriz linha”, por exemplo, perguntei o que a caracterizava e eles responderam: “É a matriz que tem apenas uma linha”. Esse momento foi particularmente significativo para mim, pois revelou que eles haviam compreendido o conteúdo e conseguiam verbalizar o conceito com segurança. Fiquei extremamente feliz, todo o receio que eu tinha, sobretudo por se tratar de uma turma que inicialmente demonstrava dificuldade com matrizes, foi diminuindo diante das respostas espontâneas e corretas. Incluí também uma situação prática para fortalecer ainda mais a revisão: escrevi no quadro três matrizes diferentes, uma  $1 \times 4$ , uma  $3 \times 3$  com elementos apenas na diagonal principal e uma matriz cheia de zeros, e pedi que, em duplas, classificassem cada uma e justificassem sua resposta. A sala imediatamente se movimentou; alguns alunos debatiam se a matriz  $3 \times 3$  poderia ser ao mesmo tempo quadrada e diagonal, enquanto outros tentavam

lembrar o nome da matriz composta apenas por zeros. Uma aluna disse animada: “Professora, essa aqui é nula, né? Porque todos os elementos são zero!”. Esse tipo de participação ativa deixou claro que eles não estavam apenas repetindo definições decoradas, mas realmente reconstruindo o conhecimento. Esse envolvimento reforçou em mim uma certeza importante: muitas vezes, basta mudar a metodologia – tornando a aula mais dialogada, participativa e dinâmica – para que a aprendizagem floresça e, consequentemente, para que nós, professores, também nos sintamos mais confiantes e acolhidos dentro da sala de aula.

## 6

### A última aula

Tudo passou em um piscar de olhos. Enquanto escrevo este relato, ainda me surpreendo ao perceber que concluí o estágio. Houve momentos em que pensei em desistir, mas a última aula me emocionou profundamente. Eu já estava habituada à rotina da turma, e juntos havíamos construído um vínculo muito bonito. Passei a gostar de ministrar aulas para eles. Mesmo diante das dificuldades, posso afirmar que consegui transformar minha própria realidade por meio da educação. Ao longo dos quatro anos de universidade, fui preparada para enfrentar inúmeros desafios e, mesmo quando o cansaço ou a insegurança apareciam, nunca abandonei meu objetivo de ser uma professora

de Matemática que não desiste de ninguém. Em todos os momentos, procurei ouvir os alunos, acolher suas dúvidas e fazê-los sentir que eram parte ativa do processo de aprendizagem. Acredito profundamente em uma prática construída coletivamente, marcada pelo respeito, pelo diálogo e pela sensibilidade. Essa experiência reforçou em mim a certeza de que estou no caminho certo. No encerramento do estágio, os alunos me presentearam com um mapa mental, gesto que me deixou emocionada. Curiosamente, eu havia solicitado que elaborassem esse mapa para que eu pudesse compreender o que haviam assimilado sobre os objetos do conhecimento trabalhados ao longo das aulas. Receber aquele material não apenas evidenciou o aprendizado deles, mas também simbolizou o reconhecimento de todo o percurso que construímos juntos.

### Corolários de uma experiência docente

Diante de toda a trajetória vivenciada ao longo do estágio, pude perceber que cada desafio enfrentado se transformou em uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. As inseguranças iniciais, os momentos em que pensei em desistir e as dúvidas sobre minha capacidade como futura professora foram, aos poucos, dando lugar à construção de uma identidade docente mais consciente, sensível e confiante. Descobri que ensinar Matemática vai muito

além de transmitir conteúdos: envolve dialogar, acolher, planejar com intencionalidade e reconhecer que o aprendizado dos alunos também depende da forma como nos relacionamos com eles. Como corolário dessa experiência, compreendi que a prática educativa é um caminho contínuo de reflexão e transformação. O vínculo construído com os alunos, as dinâmicas desenvolvidas, as estratégias ajustadas e o olhar atento às necessidades da turma mostraram que a docência se fortalece quando nos permitimos aprender com os estudantes e com os próprios desafios do cotidiano escolar. Ao finalizar esse estágio, levo comigo a certeza de que a educação tem um papel profundamente transformador, inclusive sobre nós, professores, e que sigo comprometida em ser uma docente que não desiste, que acredita no potencial dos seus alunos e que faz da sala de aula um espaço de diálogo, respeito e construção coletiva.

7

## Referências

BORIN, Júlia. *Jogos no ensino da matemática: uma estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

LORENZATO, Sérgio. *O Laboratório de Ensino de Matemática na formação de professores*. Campinas: Autores Associados, 2006.

POLYA, George. *A arte de resolver problemas*. São Paulo: Edusp, 2006.

PONTE, João Pedro da; BROCARD, Joana; OLIVEIRA, Hélia. *Investigações matemáticas na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.